"UM NOVO JEITO DE GOVERNAR": DERIVAS DE UM ENUNCIADO NO DISCURSO SINDICAL

Renata SILVEIRA (UCPel)[1]

RESUMO: A atual governadora do Estado do Rio Grande do Sul, Yeda Crusius, ganhou a disputa eleitoral defendendo o *slogan Um novo jeito de governar*. Após a posse, as soluções propostas pelo governo para a reestruturação das finanças do Estado foram significadas pelos Sindicatos da Central Única dos Trabalhadores (CUT), filiados a uma formação discursiva socialista, como indícios da manutenção do modelo capitalista neoliberal. Desde então, observamos um confronto discursivo acerca do enunciado em pauta, o qual vem sendo reiterado e explicado pela governadora Yeda Crusius e sua base aliada, com o intuito de assegurar sua transparência, enquanto está sendo reformulado pela imprensa sindical cutista, que visa à demonstração de sua opacidade. Investigar o mencionado confronto a partir das noções de paráfrase e polissemia, conforme são concebidas no quadro teórico da Análise do Discurso iniciada por Michel Pêcheux, é a finalidade deste trabalho. Com esse objetivo, analisamos um corpus constituído de seqüências discursivas extraídas do discurso da governadora e de enunciados publicados em jornais de Sindicatos da CUT e escritos em faixas, tais como *Um novo jeito de privatizar*, *O novo jeito de sucatear*, *Novo governo com velhas práticas*, *Vigília contra o novo jeito de governar*. A análise discursiva empreendida permitiu-nos não somente exemplificar a tensão entre o mesmo e o diferente, constitutiva do discurso, como também identificar as formações discursivas que atualmente se embatem na conjuntura política gaúcha.

PALAVRAS-CHAVE: discurso sindical; paráfrase; polissemia

Yeda Crusius, atual governadora do Estado do Rio Grande do Sul, elegeu-se sintetizando sua proposta governamental através do *slogan Um novo jeito de governar*. Contudo, após iniciar o mandato, sua prática política, justificada no discurso da inovação, foi significada pelos Sindicatos da Central Única dos Trabalhadores (CUT), filiados a uma formação discursiva (FD) socialista[2], como manutenção do neoliberalismo.

Daí sucedeu-se um confronto discursivo parcialmente observável no enunciado *Um novo jeito de governar*, reiterado e explicado pela governadora, preocupada em assegurar sua transparência; reformulado e polemizado pelos sindicalistas cutistas, determinados a mostrar sua opacidade.

---

[1] Aluna do Doutorado em Lingüística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (UCPel),

[2] As formações discursivas são domínios de saberes que mantêm diferentes relações com a ideologia dominante e determinam "*o que pode e deve ser dito*" (PÊCHEUX, 1995, p. 160) [grifos do autor]. São a matriz dos sentidos, ou seja, é nelas que eles se constituem, logo, para apreendê-los é preciso remeter a materialidade lingüística às formações discursivas, que, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas.

Neste trabalho, analisaremos essa tensão discursiva caracterizada pelo embate de formações discursivas antagônicas que significam diferentemente o mesmo enunciado, o qual se torna outro, com novos sentidos e nova materialidade lingüística. Utilizaremos o referencial teórico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), com ênfase às noções de paráfrase e polissemia[3], conforme concebidas nessa linha teórica. Nosso corpus constitui-se de seqüências discursivas de referência extraídas do discurso da governadora e das reformulações *Um novo jeito de privatizar*, *O novo jeito de sucatear*, *Novo governo com velhas práticas* e *Vigília contra o novo jeito de governar*, publicadas em jornais de sindicatos cutistas e escritas em faixas.

Nas eleições de 2006, a então candidata ao governo do Estado do Rio Grande do Sul, Yeda Crusius, do PSDB, conquistou mais adesão popular que os favoritos Germano Rigotto, do PMDB, que visava à reeleição, e Olívio Dutra, do PT.

A surpreendente vitória da representante do partido tucano funcionou como um acontecimento discurso, isto é, o "ponto de encontro de uma atualidade e uma memória", que promove a abertura para novas discursividades (PÊCHEUX, 1997, p. 17). Indissociado desse acontecimento está o *slogan Um novo jeito de governar*, cujas reformulações atestam o modo como o fato novo foi inscrito na memória discursiva dos sindicalistas da CUT.

Nessa memória destacam-se os saberes referentes a planos de governos contrários aos interesses dos trabalhadores, porque é o intuito de fazer surgir uma nova rede de memória sobre essa temática que motiva a CUT a lutar pelo socialismo e pela democracia. Nas teses da 11º Plenária da CUT gaúcha (2005), é possível recuperarmos saberes específicos da memória dos sindicalistas da CUT do Rio Grande do Sul e compreender o "já-dito" e o "já-ouvido"[4] que estão substanciando as formações imaginárias céticas sobre a inovação do novo governo. Nesse documento, é demonstrada insatisfação quanto ao modo de administrar de Germano Rigotto, cujo período de gestão foi de 2003 a 2006. Esse político não teria cumprido suas promessas e ainda se tornado um legítimo seguidor da política neoliberal de Antonio Britto,

---

[3] Funciona nos processos discursivos uma tensão entre paráfrase e polissemia. Segundo Orlandi (2005), "os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura nos processos de significação. Ela joga com o equívoco" (p. 36).

[4] Segundo Michel Pêcheux (1993), não funciona nos processos discursivos os lugares sociológicos empíricos dos sujeitos e sim a representação transformada desses lugares pelas formações imaginárias. Também não funciona empiricamente nesses processos o assunto dos interlocutores, o objeto de seu discurso, mas a imagem que têm desse objeto. Para o autor, as formações imaginárias resultam de processos discursivos anteriores, com outras condições de produção, os quais deixaram de funcionar, mas continuam determinando o processo discursivo em foco. Nessa perspectiva, o "já dito", "já ouvido" são substâncias das formações imaginárias e intervêm nas imagens que os locutores têm de si, do interlocutor e do assunto tratado.

que governou o Estado de 1995 a 1999, e um falso seguidor de Olívio Dutra. Este representou politicamente o Rio Grande do Sul de 1999 a 2003 e teria uma proposta governamental mais condizente com os anseios socialistas da CUT.

Antes de tratarmos das reformulações do enunciado *Um novo jeito de governar* no discurso sindical, convém explicitarmos seu percurso, destacando as condições de produção nas quais surgiu e como funcionou discursivamente antes e durante a campanha eleitoral de Yeda Crusius.

Previamente à campanha eleitoral, Yeda Crusius e sua base aliada, por intermédio do mecanismo de antecipação[5], supuseram os saberes constitutivos da memória dos gaúchos sobre os governos anteriores e a conseqüente imagem cética que fariam quanto às propostas dos candidatos. Então, estrategicamente escolheram um *slogan* que convoca saberes da memória discursiva dos eleitores sobre a má-gestão dos últimos governantes do Rio Grande do Sul e simultaneamente provoca a imagem de que finalmente a essa memória serão articulados novos sentidos.

Para que esse enunciado anunciasse de modo convincente a vinda de um acontecimento político que ensejaria novas discursividades sobre o crescimento do Estado, era preciso conferir-lhe legitimidade. Isso pôde ser feito através da posição-sujeito assumida por Yeda Crusius nas propagandas eleitorais e demais aparições na mídia: uma economista, ex-professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ex-deputada federal por 12 anos, ou seja, uma conhecedora do funcionamento da economia, das problemáticas estruturais do Estado do Rio Grande do Sul e suas possíveis soluções.

Na AD, a memória não é um reservatório de sentidos homogêneos, mas um espaço sempre suscetível a deslocar-se com a irrupção de novos acontecimentos. Estes, segundo Michel Pêcheux (1999; 1997), podem ser inscritos na memória como se não tivessem ocorrido, podem escapar à inscrição ou, dentre outras possibilidades, serem associados ao plano do logicamente estável. No presente estudo, podemos considerar que na campanha eleitoral, Yeda Crusius e sua base aliada tentaram, através do *slogan*, antecipar para os eleitores que o acontecimento, isto é, a vitória da candidata, seria inscrito no espaço da memória dos gaúchos diferentemente de outros acontecimentos políticos já ocorridos. Dentre esses acontecimentos estão a vitória de Germano Rigotto e Olívio Dutra em eleições passadas.

---

[5] Pêcheux (1993) aborda que todo processo discursivo supõe, por parte do emissor, uma antecipação das representações do receptor. Os mecanismos de antecipação regulam a argumentação, visto que o sujeito coloca-se no lugar de seu interlocutor para antecipar os sentidos que suas palavras produzem. Dessa forma, o sujeito que enuncia dirá de um modo ou de outro, de acordo com os efeitos que pretende produzir no outro.

O enunciado em análise, durante o período eleitoral, foi útil, utilizando as expressões de Pêcheux (1997), para “prefigurar discursivamente o acontecimento”, “dar-lhe forma e figura” (p. 20). Ou melhor, foi duplamente útil, por prefigurar não somente a vitória de Yeda Crusius como um acontecimento gerador de discursividades que inscreveriam no espaço da memória saberes diferentes, da ordem da polissemia, mas também por prefigurar que a reeleição de um dos ex-governadores faria ressurgir “o velho jeito de governar”. Logo, se o acontecimento fosse a reeleição, surgiriam discursividades que se relacionariam parafrasticamente com os saberes da memória sobre a incapacidade dos governantes nas resoluções das dificuldades financeiras que afligem o Rio Grande do Sul.

No período eleitoral, foi mantida a estabilidade semântica do enunciado junto à maioria dos eleitores, conquista observável na vitória de Yeda Crusius. Mas após o mencionado período, o acontecimento passou a ser “trabalhado”, isto é, sobredeterminado por processos discursivos oriundos do espaço midiático, político e cotidiano. No domínio da política de esquerda, especificamente no discurso da CUT, verificamos o surgimento de formulações que dotaram o acontecimento de equivocidade. Estas se entrecruzaram com as formulações de aparência logicamente estável, advindas do discurso da governadora, que, na ilusão de controle dos sentidos, tentou assegurar a transparência de seu *slogan*. Observemos algumas seqüências discursivas de referência que exemplificam o mencionado entrecruzamento:

Discurso da governadora	**Imprensa sindical**
SDR1 – Discurso da posse São compromissos fundamentais, que traduzem **um novo jeito de governar**, que é o de não adiar um futuro melhor, centrando as preocupações do Governo nos resultados para os cidadãos, quer da ação, quer da comunicação de cada passo que será dado pelo poder público. (01/01/2007[6]) SDR2 – Discurso 100 dias de governo Neste momento em que o Governo Yeda Crusius completa os seus primeiros cem dias, torna-se mais perceptível à sociedade do Rio Grande do Sul e aos seus agentes políticos, econômicos e sociais o significado do “**novo jeito de governar”**. A coragem de enfrentar os problemas estruturais das finanças do Estado, agindo de forma	**Novo governo com velhas práticas** (SINETA, jan./fev., 2007) **O novo jeito de sucatear** (SINETA, março/abril, 2007) **Vigília contra o novo jeito de governar** (SINETA, maio, 2007)

[6] Os documentos dos quais foram extraídas as seqüências discursivas de referência encontram-se disponíveis no site http://www.estado.rs.gov.br/.

transparente e responsável na condução dos ajustes, tem desde o primeiro dia pautado as ações do governo e reafirmado a convicção de que este é o caminho para que o fruto do nosso trabalho e esforço seja dirigido cada vez mais para a construção do futuro, sem esquecer a correção das falhas do passado. (Prestação de contas dos primeiros 100 dias: Governo Yeda Crusius, abril, 2007) SDR3 - Discurso 180 dias de governo Aproveitamos para reafirmar nosso compromisso de transparência, realismo, de determinação e de inovação na condução das soluções dos graves problemas que ainda enfrentamos, sem jamais esmorecer. Esse é o **nosso jeito de governar** (...). (180 dias de governo: julho de 2007)	**Um novo jeito de privatizar** (SINDSEPERS, maio, 2007)

A aparência de estabilidade observável no discurso de Yeda Crusius provém do fato de a governadora, ao enunciar, manter uma relação parafrástica entre o que já disse e aquilo que diz. Daí o efeito de manutenção do sentido, de homogeneidade na FD de direita, à qual se filia. Já os enunciados do discurso sindical, ditos por posições-sujeitos que se desidentificam com a forma-sujeito da FD de Yeda Crusius para identificar-se com a forma-sujeito da FD de esquerda, instauram o diferente, a polissemia, novos sentidos, não-determinados pela FD contrária[7].

Courtine (1999) observa em sua análise do discurso comunista endereçado aos cristãos que as "formulações-origem" situadas no espaço da memória, quando retomadas nos desnivelados discursos, sofrem transformações que atestam uma confluência entre memória e acontecimento, que é típica do campo do discurso político. O enunciado *Um novo jeito de governar* funciona como uma formulação-origem na memória dos sindicalistas. Estes, ao repetirem-na em seu discurso, reformulam-na, lembrando de sua configuração lingüística inicial e do sentido estabelecido na FD contrária e simultaneamente esquecendo, para

[7] Pêcheux (1995) explicita que o processo de interpelação do sujeito realizado pela formação discursiva ocorre devido à identificação do sujeito com essa FD que o domina, "isto é, na qual ele é constituído como sujeito" (p. 163). Essa identificação se dá através da forma-sujeito (p. 167). Nesse processo de interpelação, há um desdobramento, de um lado, o sujeito da enunciação, de outro, a forma-sujeito da FD em questão. Há distintas modalidades na relação entre o sujeito da enunciação e a forma-sujeito. Numa delas, a do "bom-sujeito", ocorre uma superposição, assim, o sujeito que enuncia se identifica cegamente com a forma-sujeito da FD que lhe foi imposta pelo interdiscurso. Na outra, a do "mau-sujeito", o sujeito da enunciação se volta contra alguns saberes da forma-sujeito através de uma tomada de posição que se caracteriza por uma "*separação* (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...)" (p. 215). Nesse caso, tem-se uma contra-identificação do sujeito com a FD imposta pelo interdiscurso. Na terceira modalidade, identificada na presente pesquisa, há uma desidentificação com a forma-sujeito por meio de um "*trabalho* (transformação-deslocamento) *da forma-sujeito*", ou seja, o sujeito se desidentifica com FD e sua forma-sujeito para deslocar sua identificação com outra FD e sua respectiva forma-sujeito (p. 217).

modificá-la e significá-la a partir de sua FD. Dessa forma, *Um novo jeito de governar* é transformado em *Um novo jeito de privatizar*, *O novo jeito de sucatear*, *Novo governo com velhas práticas* e *Vigília contra o novo jeito de governar*.

Nesses deslocamentos, a formulação-origem advém do espaço da memória sob a forma de pré-construído[8], identificável no sintagma "novo jeito de", que é recorrente em quase todas as formulações dos sindicalistas. Além disso, o enunciado "já dito" em análise, quando retorna do interdiscurso para ser linearizado, isto é, atualizado no eixo do intradiscurso, significa diferentemente porque muda a posição-sujeito que o enuncia.

A posição-sujeito sindicalista não só ressignifica o enunciado, ao linearizá-lo, como também reformula sua materialidade lingüística. Nesse âmbito, as considerações de Ferreira (2000) sobre a resistência da língua são pertinentes. A autora lembra-nos que o sistema é opaco, suscetível a falhas, brechas, fissuras, rearranjos, transgressões, enfim, rupturas no fio discursivo que perturbam a estrutura significante (p. 13-4).

Considerando o exposto, podemos afirmar que a possibilidade de serem dados outros complementos ao sintagma "Um novo jeito de" é uma brecha na estrutura que permite a instauração da equivocidade. Os sujeitos que se confrontam com essa materialidade irão valer-se dessa lacuna para inserir complementos de acordo com a FD a que se filiam. É o que ocorre com a posição-sujeito sindicalista, que aproveitou essa fenda da estrutura para significar a formulação-origem *Um novo jeito de governar* na sua FD e deslocar processos de significação instalados no discurso da governadora. Surgem então as reformulações *Um novo jeito de privatizar* e *O novo jeito de sucatear*, cujos referentes são diferentes em relação à formulação original.

O novo jeito de sucatear é o título de uma reportagem publicada na edição de março/abril de 2007 do *Sineta*, Jornal do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Rio Grande do Sul, e o enunciado de uma faixa utilizada por servidores durante uma mobilização. O enunciado em pauta refere-se ao sucateamento que a educação estadual vem sofrendo desde o início da gestão de Yeda Crusius. Os sindicalistas alegam que a decisão da governadora de fazer caixa através do corte de recursos dos serviços públicos teve como conseqüência a falta de transporte escolar e de funcionários, a suspensão das necessárias nomeações de professores e a manutenção do atraso no repasse de verbas. Para os servidores, o governo só está "interessado em garantir mudanças para aplicar o projeto neoliberal e criar cargos para salvar compromissos adquiridos durante a campanha eleitoral" (SINETA, p. 2).

---

[8] O pré-contruído são construções já-ditas advindas do interdiscurso que sustentam o dizer.

O enunciado *Um novo jeito de privatizar* é o título de um editorial publicado em maio de 2007 no SINDSEPERS, Jornal dos Servidores Públicos do Estado do Rio Grande do Sul. Esse enunciado refere-se à privatização do Banrisul, negada pela governadora durante a campanha eleitoral e, segundo os sindicalistas, "camufladamente" realizada durante seu mandato. Na época da publicação, a governadora havia decidido mudar os estatutos do Banrisul para poder vender suas ações na Bolsa de Valores e garantir novos acionistas. Para os sindicalistas, essa decisão significa a repetição da tradicional ação dos políticos neoliberais de vender ações do patrimônio público para aquisição de verbas em período de crise.

Decorre da análise dessas duas reformulações que o enunciado *O novo jeito de governar*, quando significado por sujeitos filiados à FD oposta à de Yeda Crusius, significa o velho jeito de governar, mas com novas estratégias para a manutenção do projeto neoliberal, já implantado por Germano Rigotto e Antonio Britto.

Além disso, os enunciados *O novo jeito de sucatear* e *Um novo jeito de privatizar* demonstram que a privatização e o sucateamento dos órgãos públicos fazem parte do domínio de saber da FD de direita e neoliberal à qual se filia Yeda Crusius. Através desses deslocamentos, a posição-sujeito sindicalista cutista, filiada à FD de esquerda, procura mostrar que privatização e sucateamento são palavras que não podem e não devem ser ditas na FD contrária, mas que fazem parte de seu domínio de saber.

No que tange ao enunciado *Vigília contra o novo jeito de privatizar*, foi escrito em uma faixa cuja fotografia ilustra uma reportagem da edição de maio de 2007 do *Sineta*. A faixa havia sido estendida em frente à porta de acesso da Secretaria de Educação na ocupação realizada em 30 de abril com a finalidade de forçar o governo a não seguir com o desmonte da educação, iniciado na posse.

Novamente é a estrutura da língua que permite a instauração da equivocidade. A construção *Um novo jeito de governar* tanto pode funcionar como uma frase, quanto como complemento de um sintagma. A posição-sujeito sindicalista promove um rearranjo no fio discursivo da formulação original ao valer-se da possibilidade de extensão da sua estrutura sintática. Através do acréscimo "Vigília contra", *Um novo jeito de governar* passa a significar na FD de esquerda uma ameaça à educação pública gaúcha. Esse deslocamento não só promove uma destruição dos sentidos legitimados por Yeda Crusius, mas também permite recuperar e difundir uma das funções da Central Única dos Trabalhadores, que é a vigília das ações políticas para "a defesa dos interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora"

(CUT[9]). Sendo assim, o enunciado *Vigília contra o novo jeito de governar* traz inscrito em sua materialidade a história, pois o termo "vigília" recupera o monitoramento das decisões políticas que a CUT vem se propondo a fazer durante seus 25 anos de existência. Concluímos que a reformulação em análise funciona não só deslegitimando um discurso, mas legitimando outro, o dos sindicalistas cutistas.

O enunciado *Novo governo com velhas práticas* é o título de uma reportagem publicada na edição de janeiro/fevereiro de 2007 no *Sineta*. No texto, os sindicalistas afirmam: "propalado durante a campanha eleitoral, o 'novo jeito' de governar nada mais é do que a cópia de uma fórmula já experimentada pela sociedade gaúcha. Yeda Crusius bebe na mesma fonte em que bebia Antonio Britto" (SINETA, p. 1). Nesse caso, observamos novamente que o enunciado em análise reitera o sentido que o *slogan* de Yeda Crusius adquiriu na FD de esquerda: o velho jeito de governar, que mantém a política neoliberal de ex-governadores.

Na reformulação *Novo governo com velhas práticas*, bastou a apropriação do adjetivo "novo" presente no *slogan* de Yeda Crusius para que ficasse evidente qual era a formulação original que estava sendo deslocada. O adjetivo "novo" aparece como efeito de pré-construído, de já-dito. Quando esse já-dito é linearizado no eixo intradiscursivo por um sujeito da enunciação filiado a uma posição ideológica antagônica à de quem enunciou primeiramente o *slogan*, retorna com um novo efeito de sentido.

Nessa reformulação, diferente das demais, não foi feita uma pequena modificação na estrutura léxico-sintática do *slogan* de Yeda Crusius. Houve uma desestruturação completa, mas que não deixou de fazer eco à formulação original. Esse deslocamento da sintaxe e o jogo entre um velho adjetivo e novas palavras foi a maneira pela qual a posição-sujeito sindicalista pôde desfazer o sentido atribuído ao enunciado *um novo jeito de governar* na FD neoliberal e conferir-lhe um novo sentido na FD de esquerda.

Ao concluirmos, destacamos que observamos nas análises a tensão entre paráfrase e polissemia, constitutiva dos processos discursivos. Yeda Crusius, por intermédio do *slogan Um novo jeito de governar*, recuperou saberes da memória dos gaúchos sobre a política e significou seu governo como um acontecimento que inscreve nessa memória novos sentidos, da ordem da polissemia. A posição-sujeito sindicalista, através das reformulações, recuperou a memória dos trabalhadores sobre o sentido atribuído ao *slogan* na FD contrária e significou a gestão Yeda Crusius como um acontecimento que inscreve na memória velhos saberes, da

[9] Informação retirada do site http://www.cut.org.br/.

ordem da paráfrase. Dito de outra forma, a governadora partiu do mesmo, a paráfrase, para afirmar que iria instaurar o diferente, a polissemia, enquanto os sindicalistas partiram da inovação tão propalada pela governadora, logo, do diferente, da polissemia, para afirmar que se trata do mesmo, a paráfrase.

Também evidenciamos o quão são difusos os limites entre processos parafrásticos e polissêmicos, pois quaisquer das duas posições-sujeito, através da repetição, fizeram emergir novos sentidos (ORLANDI, 2000, p. 38). Yeda Crusius, através de uma prática discursiva permeada de relações parafrásticas, significou sua prática política como inovadora, capaz de gerar processos de significação que romperiam com os existentes. Os sindicalistas parafrasearam, através das distintas reformulações, que o novo jeito de governar é o velho jeito de governar, seguidor do modelo capitalista neoliberal. Assim, por meio da repetição, instituíram novos sentidos em relação ao discurso da governadora.

Por fim, queremos destacar que segundo Michel Pêcheux (1997), a língua é atravessada pelo equívoco, conseqüentemente, "todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro" (p. 53). Ferreira (2000) acrescenta que "isto vai se concretizar na própria base material sobre a qual se constituirão os processos discursivos" (p. 118).

Relacionando o exposto com o presente estudo, evidenciamos que o *slogan Um novo jeito de governar* foi transformado em outros enunciados e teve seu sentido deslocado através do jogo feito pela posição-sujeito sindicalista com essa estrutura. Essa posição-sujeito encontrou nas fissuras da materialidade *Um novo jeito de governar* uma forma de ressignificá-la, de dotá-la de equivocidade semântica. Assim, os sindicalistas cutistas puderam demonstrar sua resistência à dominação da formação ideológica neoliberal e romper, como afirma Pêcheux (1990, p. 17), com o "o círculo da repetição".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES (CUT). **Caderno de Teses**: 11ª Plenária CUT/RS. 15 e 16 de abril de 2005.

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Da ambigüidade ao equívoco**: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **180 dias de governo**: julho de 2007. Porto Alegre. Disponível em: <http://www.estado.rs.gov.br/>. Acesso em: 15/06/2007.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Prestação de contas dos primeiros 100 dias**: Governo Yeda Crusius. Porto Alegre: 2007. Disponível em: <http://www.estado.rs.gov.br/>. Acesso em: 15/06/2007.

INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Traduzido por Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Traduzido por Eni P. Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3.ed. Campinas: Unicamp: 1993, p. 61-161.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre (et al.). **Papel da Memória**. Traduzido por José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. Delimitações, inversões, deslocamentos. In: **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, SP, n. 19, jul./dez, 1990.

_____. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio (1975). Traduzido por Eni P. Orlandi. 2.ed. Campinas, SP: Unicamp, 1995.

SINDSEPERS, Jornal do Sindicato dos Servidores Públicos do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, n. 12, maio, 2007.

SINETA, Jornal do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, jan./fev., 2007.

SINETA, Jornal do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, março/abril, 2007.

SINETA, Jornal do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, maio, 2007.

Sites consultados:

http://www.cut.org.br/

http://www.estado.rs.gov.br/